Ivani Lúcia Oliveira de Santana

CORPO ABERTO: MÍDIA DE SILÍCIO, MÍDIA DE CARBONO
A dança em interação com as novas tecnologias

Mestrado
Comunicação e Semiótica

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC/SP
2000

Índice

RESUMO **3**

ARTIGAS DE SAIA **4**

AGRADECIMENTOS **5**

INTRODUÇÃO **10**

CAPÍTULO 1 ..... **18**

1.1. Dança: por um novo corpo 18
1.2. Mundo: por uma nova visão 25

CAPÍTULO 2 ..... **31**

2.1. O papel de Cunningham 31
2.2. Vídeo: por um outro olhar 58
2.3. Acaso – parte da vida, lei do universo 63
2.4. As interfaces com a tecnologia 68

CAPÍTULO 3 ..... **82**

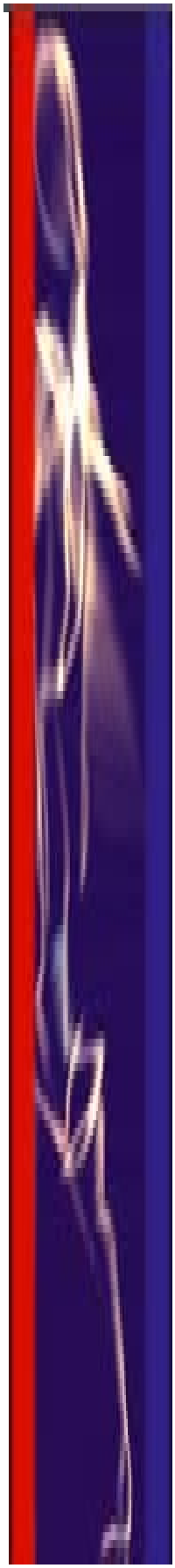
3.1. Corpo Bio-Tecnológico 82
3.2. Um entendimento da evolução 106

APÊNDICE **120**

Apêndice 1 – GEDANKEN Dança, Imagem, Tecnologia 120
Apêndice 2 – Repertório das obras de Merce Cunningham 127

BIBLIOGRAFIA **161**

Artigos pesquisados pela Internet 166
Indicação de Sites 167



Corpo Aberto: mídia de carbono, mídia de silício, aborda uma das vertentes da dança contemporânea: a relação do corpo com as máquinas da nova era e, consequentemente, a dança em interação com as novas tecnologias.

O pensamento e a obra do coreógrafo americano Merce Cunningham são escolhidos como fio condutor desta dissertação. À luz deste artista torna-se possível identificar alguns dos fatores que propiciaram a emergência deste diálogo entre a dança e as neo-tecnologias. Suas obras propõem sofisticadas interações e as expõem como um trânsito que ocorre no corpo. Cunningham é fundamental para uma nova visão de dança, de arte e, principalmente, de corpo. E é também um pioneiro no uso das novas tecnologias neste campo. Através dele, serão discutidos artistas e obras contemporâneas onde o limite entre corpo de carbono e de silício está borrado. Carbono e silício estão implicados.

Corpo Aberto: mídia de carbono, mídia de silício representa um primeiro passo no entendimento desta nova manifestação da dança, dando margem à sua continuidade, que se realizará na pesquisa de doutorado que segue essa, aqui apresentada.

Corpo Aberto pertence a um mundo constituído por sistemas abertos, e por signos no sentido empregado por Charles Sanders Peirce. Por esta via percebe-se que todas as coisas no mundo, sendo signos, sistemas abertos, estão em constante troca e transformação na cadeia evolutiva. Portanto, o corpo, ambiente onde ocorre a dança, pode ser entendido como um sistema em interação e co-evolução com o mundo. É impregnado por ele ao mesmo tempo que passa a impregná-lo. Um está implicado no outro.

A dança em interação com as tecnologias dos tempos de agora é aqui analisada não como um estilo ou gênero a mais em dança, mas como um reflexo, uma resposta estética da própria evolução do universo.

Trata-se de um Corpo Evolutivo.

Random Dance Company

Vilanova Artigas: arquiteto, professor transformador de formas e pensamentos. Cidadão e artista. Em certo momento, inebriou-se pelas lições wrightianas (referência ao arquiteto americano Frank L. Wright) que, de acordo com ele, dava *"uma visão de mundo: o respeito à natureza do material ... com conselhos estranhos de naturalismo Darwiniano"* (Artigas, 1997:24). Filtrou o que para ele era necessário e caminhou para uma arquitetura direcionada ao seu país. Para Artigas, o poeta precisa de duas palavras para contemplar o mundo enquanto eles, arquitetos, necessitam de milhões de tijolos. Mas fazem sua arte. Artigas era acima de tudo brasileiro. Este transformador do fazer acadêmico, ser carismático, ser solidário, ser humano, tem sua contrapartida de saia. Ela, assim como ele, tem a missão neste mundo, principalmente neste mundo chamado Brasil, de abrir espaços, abrir mentes, suprir arestas. Helena Katz é tudo isso.

A arquitetura mostrou ser arte e técnica: arte com valor e técnica com a precisão matemática. Como disse Artigas: *"ter a coragem de assimilar a condição de arquiteto como artista não é uma vaidade, mas necessidade de formação de uma consciência, de uma visão de mundo"* (*Ibidem*, 26).

Palavras como estas encontram ecos, são refletidas nos fazeres de Helena, que fez da dança um pensamento do corpo e dos bailarinos um corpo com cabeça. A dança, irmã pobre de todas as artes ganhou espaço, pensou espaço e cresceu na sua cadeia evolutiva. Para Umberto Eco, agradecer demasiadamente seu orientador é um equívoco. Afinal, esta é uma tarefa, uma obrigação acadêmica do professor nesta condição. Eco não conheceu Helena.

Não sou arquiteta, apenas admiradora e companheira dos fazeres desta arte. *C´est fruit d´amour* diria Artigas parafraseando os franceses. De qualquer forma, este também não é um agradecimento, mas apenas uma constatação, um pensamento, um *gedanken*, uma consciência de quem convive, ainda pouco, mas convicta no percurso, nesta fértil semiose de dança e de mundo.

Piazza San Marco, Veneza, 7 de janeiro de 2000.

Carente dos saberes encontrei Helena. Motivada por uma idéia desde findos anos 80 e estimulada por meu grande amigo Prof. Silvio Miele, entrei no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. Não sabia exatamente o que era, mas logo de início tive o prazer e a graça de escutar o Prof. Jorge Albuquerque numa das minhas primeiras disciplinas. Uma voz dos deuses e uma sabedoria divina. Encantei-me com o mundo semiótico que ele apresentava.

Um novo Cosmos se abria para mim. Absorvi os pensamentos de Charles Sanders Peirce, primeiramente apresentado pela professora e minha querida orientadora Helena Katz, e logo a seguir pelo brilhantismo e paixão semiótica da Profª. Maria Lúcia Santaella. A ela e ao Prof. Winfried Noth, devo a satisfação e a gratidão de descobrir nos meus pensamentos uma força maior. Idéias que tive o privilégio de discutir e refletir com o Prof. Arlindo Machado no *V Seminário sobre Técnicas Digitais Experimentais em Multimídia e Internet,* em Bariloche, onde encontrei novos parceiros de trabalho como José Luis Navas (México), Cecília Vazquez (Argentina) e Dulcimira Capizani (Brasil).

No Programa de Comunicação e Semiótica conquistei amigos e companheiros, assim como meu querido Prof. Fernando Iazzetta. Paciente com minhas inquietações do mundo tecnológico, apresentou-me caminhos. Hoje, além de grande amigo, é colaborador de minhas peripécias de cabos, sensores e softwares em conjunto com o Prof. Silvio Ferraz, a juventude em pessoa.

Idéia transformada em matéria, tive a colaboração do Prof. Philadelpho Menezes com a poesia sonora.

fragmento de corpo

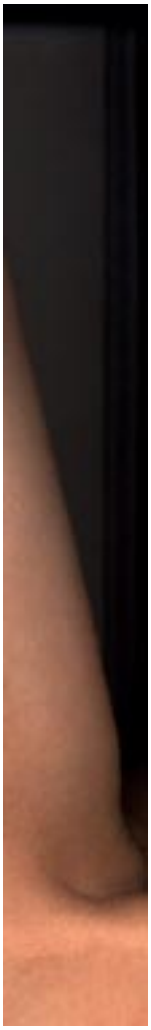
Encontrei pessoas como a Profª. Christine Greiner que, mesmo antes do início, esteve sempre disposta a ajudar.

Nada seria possível se, no dia-a-dia, não tivesse a amizade e apoio de Vanessinha e Santi, Milfer e Paulão. Assim como seria impossível meu choro, algumas vezes tão necessário e desejado, sem a solidariedade do Prof. Amálio Pinheiro.

Além Puc, muitos foram importantes nesta minha jornada: Fundação Cunningham por ter disponibilizado vários materiais para esta pesquisa; Emanuel Dimas de Melo Pimenta por partilhar sua experiência com John Cage e Merce Cunningham e sempre disposto a me ajudar; Analívia Cordeiro, Elliot Caplan, June Finch pelas entrevistas cedidas; Cláudio Pinhanez e Michael Saup pelas discussões sobre tecnologia; Profª. Margarita Schultz por toda energia que tem me transmitido; Otávio Donasci pela extrema abertura e incentivo aos meus projetos, Gícia Amorim pelos ensinamentos práticos da técnica de Cunningham e compartilhar sua experiência no Cunningham Studio; Gaby Imparato por me ajudar nos primeiros passos acadêmicos, Marina Herrero, Rosana Cunha e Cristina Madi pelo apoio dado; Mario Augelli pela valorização da pesquisa acadêmica, Simone Engbruch e aos técnicos do Sesc Ipiranga pela realização do meu espetáculo; Carlos Fadon por me iluminar com sua experiência e seu talento, Centro Cultural São Paulo por ceder a sala de ensaio e a toda a equipe que fez *Gedanken* ser possível.

A todos minha imensa gratidão.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos que possibilitou esta primeira fase da minha jornada.



Piazza San Marco, Veneza, 7 de janeiro de 2000.

fragmento de corpo